

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Seguro morreu de velho

Juntos, os partidos do Centrão terão poder para dar e vender a partir de 2023, com mais de 250 votos na Câmara. Só tem um probleminha: até acertar os espaços, ninguém confia em ninguém. Para fazer frente ao crescimento do PL, por exemplo, o PP pretende se unir ao União Brasil para garantir a presidência da Câmara para Arthur Lira (AL) e tentar emplacar Davi Alcolumbre (AP) no Senado.

Sobrou

Nesse acordo, quem deve “sobrar” é o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Seu partido apoiou Lula em Minas e, ao que tudo indica, não há muito espaço para recandidatura. Isso porque, se o petista vencer, o MDB vai novamente tentar retomar o poder de comando no Senado.

As montanhas de Minas I

As primeiras declarações do governador reeleito Romeu Zema deixaram os políticos de Minas Gerais com a sensação de que Bolsonaro tem condições de virar o jogo no estado. Em 2014, Dilma Rousseff chegou na frente no primeiro turno e ampliou a vantagem sobre Aécio Neves depois de o PT eleger Fernando Pimentel governador no primeiro turno.

As montanhas de Minas II

Dessa vez, os petistas não terão por lá um governador para chamar de seu, capaz de alavancar a candidatura presidencial. E para completar, ainda tiveram Zema dizendo que sua missão neste segundo turno será combater o PT. Ele mobilizará os prefeitos, de forma a garantir o apoio dos deputados estaduais e federais eleitos pelo PL.

A sinuca do PSDB

O Cidadania e o PDT vão apoiar Lula, mas o MDB de Simone Tebet e o PSDB têm dificuldades em seguir nesse caminho sem rusgas. Os tucanos precisam de Luiz Inácio Lula da Silva e seus aliados para alavancar Eduardo Leite, no Rio Grande do Sul, e Eduardo Riedel, no Mato Grosso do Sul. Mas querem os bolsonaristas para enfrentar os aliados de Lula na Paraíba e em Pernambuco, estado do presidente do PSDB, Bruno Araújo.

Nesse sentido, o PSDB não deve seguir

em bloco no apoio ao PT e já vê seus filiados divididos. Em São Paulo, onde os tucanos perderam o governo do estado, os prefeitos do interior já seguiram para a candidatura de Jair Bolsonaro (PL). O senador Tasso Jereissati (CE) apoiou Lula. Com tantos problemas e divisões internas, os tucanos — que abriram a disputa eleitoral com uma prévia para escolher o candidato ao Planalto — terminam divididos, sem cara e sem personalidade, rumo à liberação de seus integrantes no segundo turno.



CURTIDAS

“Por ora, descanso”/ Antes de vir a Brasília fazer um reconhecimento de área do Senado e da Câmara, o senador eleito Sergio Moro (União Brasil-PR) e a deputada eleita Rosângela Moro (UB-SP) vão tirar uns dias de férias. Mas Moro já falou por telefone com Bolsonaro e ensaiam uma aproximação. Até ontem, não havia sido acionado para fazer campanha por ACM Neto (UB), na Bahia, ou Tarcísio de Freitas, seu antigo colega de ministério.

Agro paulista apoia Bolsonaro/ O Sistema de Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo e o Serviço de Aprendizagem Rural (Faesp/SEnar-SP) anunciou o apoio à reeleição de Bolsonaro, com alfinetadas em Lula. “O presidente sempre demonstrou entender nosso papel da garantia da segurança alimentar e a geração de emprego e renda, por meio de uma produção reconhecidamente sustentável. E o mais importante, diferentemente de seu concorrente, ele faz na prática o que diz em seu discurso, honrando seu comprometimento com o agro”, afirma a Faesp, em nota.

E vai mais além/ “Como produtores e trabalhadores rurais, não queremos viver no sobressalto da insegurança jurídica. Só o diálogo e o respeito mútuo colocarão a nação no rumo certo”, diz o texto assinado por Fábio Meirelles, presidente do Sistema Faesp/SEnar-SP.

Patrícia Pillar apoia Lula/ Com Ciro Gomes fora do segundo turno, a atriz anunciou que votará em Lula no segundo turno.

E o Dória, hein?/ O ex-governador João Dória (foto) avisa que votará nulo para presidente da República neste segundo turno: “Minha posição é de neutralidade. Não voto nem no PT do Lula, nem no PL de Jair Bolsonaro”, afirmou à coluna.

Aloisio Mauricio/Estadão Conteúdo



Ao eleger 99 deputados federais, PL torna-se a locomotiva do Centrão. Mas há quem avalie que o bloco não fará oposição intransigente caso Lula se eleja presidente e que, apesar dos bolsonaristas radicais, negociará pontualmente

Relacionamento pragmático

» RAPHAEL FELICE

Apesar de ter conseguido eleger 187 deputados, a atuação do Centrão dependerá de quem estiver no Palácio do Planalto a partir de 2023. Como a marca do bloco é o pragmatismo, já há quem avalie que caso o petista Luiz Inácio Lula da Silva seja eleito, não haverá uma feroz oposição — apesar da presença de vários “bolsonaristas-raiz” nos partidos que, hoje, compõem a base do governo.

Das três legendas que compõem o Centrão, o PL de Jair Bolsonaro foi o que emergiu das urnas mais fortalecido — contará, na próxima legislatura, com 99 deputados. Somada às cadeiras conquistadas pelas outras duas agremiações (47 do PP e 41 do Republicanos), o Centrão soma 187 deputados federais. Caso o presidente da República seja reeleito, o bloco deve se engordar por parte considerável da banca do União Brasil — que obteve 59 cadeiras na Câmara e trabalha pela incorporação do PP.

Apesar de ser a nova locomotiva do Centrão, o PL tem dois parlamentares de perfis distintos nas suas fileiras: os “bolsonaristas-raiz”, eleitos devido à proximidade com o presidente, e os negociadores pragmáticos. Compõem a ala radical da legenda, entre outros, Carla Zambelli (SP), Eduardo Bolsonaro (SP), Eduardo Pazuello (RJ), Hélio Bolsonaro (RJ), Carlos Jordy (RJ), Ricardo Salles (SP), Nikolas Ferreira (MG), Bia Kicis (DF) e Mário Frias (SP). Com eles, dificilmente haverá conversa em caso de vitória de Lula.

Mas nos estados onde Bolsonaro tem menor penetração — sobretudo os do Nordeste —, há quadros do PL que colocam os interesses políticos pessoais

e paroquiais acima dos do próprio partido. Esse grupo do Centrão não se importaria em negociar pontualmente com Lula, pelo menos no começo do governo. O mesmo acontece em relação ao PP e ao Republicanos.

“Tratorada”

Já a federação PT, PCdoB e PV — que atua junto no Congresso — conta com 80 cadeiras, 19 a menos que o PL. Caso saia a fusão entre o União Brasil e o PP, movimento já indicado pelo presidente da Casa, Arthur Lira (PP), o Centrão passaria a ter 246 cadeiras. Com esse peso, o bloco pode “tratorar” qualquer votação na Câmara, o que fará com que o Palácio do Planalto tenha de fazer uma imensa ginástica para preservar as pautas pelas quais tem interesse.

A coligação em torno de Lula soma 121 parlamentares eleitos pelos partidos que a integram. O presidenciável tem repetido na campanha que quer dialogar com todos. O PSD, por exemplo, pode desembarcar da proximidade que criou com o bolsonarismo em um eventual governo do PT — seu presidente, Gilberto Kassab, foi ministro da ex-presidente Dilma Rousseff e Lula tentou fechar seu apoio formal antes do primeiro turno da corrida pelo Planalto. A expectativa é de que o petista tente trazer o partido para a frente que está formando.

O PT também tenta ampliar alianças dentro do MDB e do próprio União Brasil, além de abrir diálogo com o PSDB e o Cidadania. A ideia de Lula é fechar alianças para reverter a hostilidade contra seu nome. A aposta é que a governabilidade não ficaria comprometida se houver embarques nesta frente ampla. (Com Agência Estado)

Alan Santos/PR



187

é a soma dos deputados eleitos por PL, PP e Republicanos, partidos que fazem parte do Centrão. Se PP e União Brasil se fundirem, serão 246 parlamentares

Lira trabalha pela fusão do PP com o União Brasil, que aumentaria ainda mais o poder de fogo do Centrão

Urnas removem ex-campeões de votos

Alguns candidatos com experiência política, projeção nas redes sociais e altos índices de votação em eleições passadas não conseguiram repetir o desempenho e foram derrotados nas urnas. Mesmo aqueles que já cumpriam mandato tiveram dificuldades para atrair eleitores neste ano e superar a onda bolsonarista que dominou o pleito para o Legislativo.

É o caso de Alexandre Frota (PSDB-SP), que fez carreira no cinema adulto. Ex-aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), se elegeu para a Câmara dos Deputados pelo PSL (então sigla de Bolsonaro) em 2018 com mais de 150 mil votos. Neste ano, tentava uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), mas recebeu 24

mil votos e não conseguiu se eleger. Ele desembarcou do bolsonarismo após criticar as atitudes do presidente, em 2019, e desde então passou a fazer críticas publicamente ao chefe do Executivo.

O mesmo ocorreu com outros ex-aliados de Bolsonaro. A deputada federal Joice Hasselmann (PSDB-SP), por exemplo, recebeu mais de 1 milhão de votos em 2018, quando associava sua imagem à do presidente, mas apenas 13 mil neste ano. Já a deputada estadual Janaína Paschoal (PR-TB-SP), que teve mais de 2 milhões de votos nas últimas eleições e se tornou a candidata mais votada da história do país, obteve 447 mil ao tentar o Senado por São Paulo neste

ano — perdeu para o candidato apoiado pela coligação de Bolsonaro, o ex-ministro Marcos Pontes (PL-SP).

Também houve nomes tradicionais da política que não se elegeram. O senador José Serra (PSDB) ficou em 80º lugar no número total de votos para deputado federal por São Paulo, tendo sido escolhido por 88.926 eleitores. O ex-senador José Aníbal (PSDB), que já foi vereador, deputado federal e secretário do governo de Geraldo Alckmin (PSB), teve desempenho ainda pior: ficou em 306º lugar, com 7.692 votos.

Por outro lado, houve candidatos mais famosos que se mantiveram no bolsonarismo e superaram seu desempenho de 2018.

A deputada federal Bia Kicis (PL-DF) recebeu 214.733 votos, mais que o dobro dos cerca de 86 mil recebidos nas eleições passadas.

Estreante em eleições, Mário Frias — que assumiu a Secretaria Especial de Cultura depois do fracasso da passagem da atriz Regina Duarte pela pasta — teve 122.564 votos em sua primeira eleição. Já Rosângela Moro (União Brasil-SP), outra neófito, mas que ficou conhecida por ser a sombra do marido — o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil), que conquistou a vaga de senador pelo Paraná —, obteve aproximadamente 217 mil votos. Ambos estarão ocupando cadeiras na Câmara dos Deputados na próxima legislatura.